

# “Virada de página na História”

A seguir a íntegra do discurso do presidente Fernando Henrique Cardoso:

“Senhoras e senhores que me acompanham nesta manhã, aqui a Minas Gerais.

É com muita espontaneidade que nós todos estamos aqui hoje, em Minas, digo espontaneidade, porque o ministro Krause já deu o significado da nossa presença aqui. Ele disse que era simbólico. É verdade. Mas nós viemos aqui para aprender também. Para aprender com Minas, para aprender com o rio São Francisco, para aprender com esse encontro dos vários estados aqui — representantes da Bahia, aqui presentes — para aprender que dois filletes d’água, pequeninhos, que se juntam quase imperceptivelmente, que a gente fica olhando e pergunta de onde é que vem tanta água. Mas não é tanta, é pouca no começo. Logo ali, adiante, uma ponte singela — a primeira ponte do rio São Francisco — permite ver já como vão se adensando.

E, antes de chegar aqui, sobrevoando de helicóptero essa extraordinária cachoeira, você vê que essa água tão cristalina, tão pura, se precipita rocha abaixo, e lá, num rio cheio de pedras, começa a formar alguma coisa que vai desembocar a 2 mil e tantos quilômetros daqui, entre a Bahia e Alagoas, passando por Sergipe, passando por tantos outros estados, mas, sobretudo, percorrendo Minas, e formando um rio que foi chamado, em algum momento, o rio da unidade nacional.

E aqui, logo ali adiante — eu não sei para que lado — nós vamos ver a formação do rio Grande, que vai desembocar lá no Paraná, e depois vai descendo até o rio da Prata. Então, aqui nós temos, na serra da Canastra, uma vertente, que, para um lado, vai formar a bacia do Prata e, para o outro, a do São Francisco. E tudo isso sai de Minas. Tudo isso sai daqui de Minas e, ao sobrevoar, eu vi aquela terra e perguntei ao governador do que se tratava. Eram terras que estavam sendo exploradas pelos seus mineiros.

Então, essa mesma Minas Gerais, das minas, fornece a água que vai permitir, talvez, se nós tivermos o cuidado necessário, recompor aquilo que a exploração poderá ter destruído na sua faina cotidiana de criar riquezas.

E já disse, com muita felicidade, o ministro Krause: a mesma força que cria essa riqueza, se não for cuidada, é força de destruição. E nós estamos hoje aqui para dizer ao Brasil que para nós, brasileiros, meio ambiente e desenvolvimento são a mesma coisa.

Nós não podemos mais separar, de um lado, os que cuidam do meio ambiente, noutro, os que cuidam do desenvolvimento, uns que exploram as minas e outros que ficam dizendo: não desgastem essa terra que é santa. Não, nós temos que juntar tudo isso. Nós temos que ter o meio

ambiente, como uma coisa que é central a cada ato do governo. A cada ato de investimento que se faça, nós temos que pensar: e qual é a consequência dele? Como é que eu recupero eventuais desgastes provocados por esse afã de enriquecer? Mas esse afã é necessário, porque a população precisa de recursos.

E também disse, com tanta felicidade, o ministro Krause que esta mesma população, que, na sua pobreza, muitas vezes, ela é vítima da poluição, e ela também polui, porque não tem os recursos para não poluir. Essa mesma população é a que tem que ser objeto dos dois movimentos: da preservação do meio ambiente e do desenvolvimento econômico.

É esse o nosso espírito nesse Dia Mundial do Meio Ambiente. Não se trata mais, como no passado, de uma guerra entre os que queriam desenvolvimento e os que queriam preservação. Não. Hoje é uma integração. É preservar para poder desenvolver em benefício da maioria e das gerações futuras.

E eu tenho muita satisfação de lhes dizer, e dizer ao País, por intermédio da imprensa tão numerosa, aqui presente, que no meu governo de cinco meses, nós conseguimos dois pactos muito importantes. Um foi o amazônico — em que os governadores dos estados da Amazônia, eles próprios — por iniciativa deles, não minha — me procuraram e vieram dizer que queriam mudar a imagem e, mais do que a imagem, as práticas de relacionamento entre o Estado, o governo e a questão ambiental.

Governadores conscientes sabem que a Amazônia é um patrimônio da humanidade, mas ela é brasileira. Ela é brasileira e somos nós, brasileiros, que temos de cuidar dessa Amazônia, não no sentido de deixá-la intocada, mas no sentido de que, quando se toque nela, seja sempre pensando qual é o efeito do gesto que se vai produzir.

E eles próprios pediram, numa carta que me enviaram, que houvesse uma nova política para a Amazônia. Essa política nova para a Amazônia tem como centro a idéia de que o crescimento tem que ser sustentável, tem que ser um crescimento que perdure para gerações futuras e, portanto, não pode ser destruidor da natureza, porque, ao destruir a natureza, destrói, também, em seguida, o próprio homem.

E a outro acabamos der reproduzir, aqui nessa placa, que é o pacto do São Francisco. Este rio que nasce aqui nessa serra da Canastra, esse rio, para ser preservado, para poder gerar água para beber lá no Nordeste, para poder levar adiante as turbinas da CHESF, na Bahia, em Paulo Afonso, e mais adiante em Xingó, esse rio, para permitir a irrigação tão desejada em tantas partes do Brasil, ainda agora, aqui pedida pelos baianos, esse rio, para poder continuar a ser o rio da integração nacional, tem que ser cuidado e aqui, é nas cabe-

ceiras. É aqui, é no planalto goiano, é no planalto de Minas, porque é aqui — e a água leva duas décadas, quando se despeja dos céus do planalto goiano para chegar até o São Francisco, vinte anos pela terra. Quando se cortam as matas por lá, quando se destrói o cerrado, se destrói também a água, mesmo sem saber. E aqui, também, se nós não preservamos, e se as matas ciliares não forem cuidadas, e se não houver um equilíbrio entre a ocupação da terra para fins produtivos e a preservação desta mesma terra para fins produtivos mais importantes talvez do que aqueles imediatos para produção local, o rio seca.

O rio não há de secar, porque, eventualmente, o Nordeste sedento pede um pouquinho de água, que atravesse de um lado para o outro entre os nossos estados do Nordeste. O rio é generoso, ele não seca por isso. Mas ele seca se, aqui nas cabeceiras, nós não cuidarmos dele. Aí, sim, há um risco.

Então, o pacto do São Francisco é um pacto realmente que abrange todo o percurso do São Francisco. E que vai além, porque, disse aqui que o planalto goiano também faz parte desse complexo, porque de tudo e de toda essa região, é que brota essa água generosa, que depois pode se transformar numa água que não só une o Brasil, como dá melhores condições de vida para os brasileiros.

Portanto, não se trata apenas dos projetos tão importantes que estamos firmando aqui.

E quero também me congratular com o estado de Minas Gerais e com o governador de Minas Gerais, que tem tanta preocupação nas questões ambientais, e pelo Instituto Florestal aqui do estado de Minas Gerais, que recebe um prêmio merecido. São fatos importantes, mas o importante mesmo é que passe a ser parte constitutiva do coração e do cérebro dos brasileiros.

Entendamos que meio ambiente é vida e que a vida é o que nós temos que preservar de toda maneira — a nossa, a da natureza, a dos animais, dos organismos em geral e das gerações futuras.

O Brasil deu exemplo ao mundo. Deu mesmo, porque, há poucos anos, há poucas décadas, o governo brasileiro, na primeira conferência mundial do meio ambiente, que foi em Estocolmo, teve um comportamento que nos envergonhou, dizia: “bendita poluição, porque imaginava que a poluição fosse o progresso. E, em muito pouco tempo, essa atitude mudou. A Conferência do Rio de Janeiro; a ECO-92, é símbolo disso — mostrou que o povo brasileiro não aceitava essa concepção selvagem de crescimento econômico.

Queremos, sim, o crescimento econômico, mas respeitando a natureza e olhando as consequências dele para a natureza e para a população, sobretudo a população mais pobre.

Fácil falar e difícil de fazer. Mas nós vamos fazer. Assim como se viu agora aqui, estes estiletos d’água que, pouco a pouco, dão origem a esse rio tão caudaloso que, lá na sua foz, vai ter um quilômetro de largura, assim também as ações, que a sociedade brasileira, com as suas múltiplas organizações, que o governo brasileiro, nos seus vários níveis: estadual, federal e municipal, pouco a pouco, nós vamos mudando a feição das coisas.

Não há de ser obra de uma pessoa. Isso é obra de um país. Esse país tomou consciência de si.

Disse o ministro Krause que, em poucos dias, talvez, nós tenhamos um marco muito significativo de uma virada de página da história. Virar a página não é esquecer o passado. Virar a página não é fazer com que aquilo que foi cravado como uma vitória deste país seja agora considerado como não importante. Não. O tipo de desenvolvimento que nós conseguimos no Brasil é muito importante. O que foi feito sob o modelo, inclusive do estado muito atuante no desenvolvimento, era condição necessária para o crescimento.

Hoje, nós temos que ajustar as questões. Mas nós não temos que simplesmente esquecer, ou dizer que tudo foi feito errado. Não foi. Não estava errado. Errado está em olhar o futuro simplesmente ficando no passado. É necessário que as pessoas pensem onde é que está o interesse nacional, onde é que está o interesse popular, diante das novas condições do mundo. Mas eles existem, o interesse nacional e o interesse popular.

Os votos de reforma que o Brasil está apoiando e que o Congresso nos está dando não são votos irresponsáveis, não são votos de quem quer simplesmente fazer tábula rasa de tudo o que aconteceu. Não. São votos de gente que percebe que o desafio agora é outro, talvez mais complexo. E, neste outro tanto a preocupação com a nação, quanto a preocupação com o povo tem que continuar sendo a nossa bússola.

E eu termino dizendo que é para nós uma grande alegria estar ao lado do Manuelzão, que é símbolo vivo de São Francisco, do Guimarães Rosa, que é símbolo vivo de tudo o que nós dissemos. Ele persistiu, perseverou, viu, aprendeu e acabou de me dizer tantas coisas que ele continua atento. Continua sabendo que as coisas mudam, às vezes para pior, às vezes para melhor, mas que a mudança, não se pode impedir que ela exista, mas é preciso controlar para que os seus efeitos sejam sempre positivos.

Essa persistência, essa permanência, essa mesma postura tão digna e a postura dos mineiros. É a postura daqueles que têm a sorte de nascer nessas terras de Minas Gerais, que gera tanta riqueza e, sobretudo, que gera essa água que abençoa o Brasil. Muito obrigado.”